

Laura Castro

Regimes de acesso ao património museológico (*under pressure*)

Como sentir (na web) o peso do ar e da pedra. Do (i)material se faz museu. Colóquio Digital ICOM Portugal 18 Junho 2020

Sob pressão

Sob a pressão do confinamento e do encerramento de todos os equipamentos culturais, como resultado das medidas de emergência tomadas para fazer face à pandemia que assolou o mundo, pusemo-nos todos a reflectir, a quente. Sentiu-se, nos últimos meses, uma urgência em reflectir, deixar depoimento, dar testemunho sobre as mudanças que nos apanharam de surpresa e isso leva a evidentes repetições e redundâncias em que, deixo o aviso à navegação, também incorro. Muita desta reflexão está a ocorrer em plataformas e aplicações digitais, tornando-se parte do mesmo processo de transformação abrupta que assolou a actividade cultural. A produção de pensamento, no entanto, raras vezes é compatível com esta velocidade e com a falta de distanciamento temporal e emocional.

Paralelamente a esta urgência em tomar posição, as organizações e as instituições culturais manifestaram outra urgência, a de aparecer, a de marcar presença, a de se fazer notar a todo o custo.

Os museus não escaparam a esta vertigem de presença nas redes sociais e no universo digital, expandindo (ou estreitando...) o que, para muitas instituições era já uma permanência em canais como o *YouTube* ou o *Vimeo* onde são frequentes demonstrações de boas práticas museográficas, documentários e entrevistas sobre exposições, visitas a reservas, a áreas técnicas de diversa natureza, aos bastidores.

Neste período de encerramento, o que os museus comunicaram em maior quantidade foram: disponibilização de obras e núcleos de colecções; visitas orientadas a exposições; comentários e conversas sobre obras.

Um olhar sobre a actividade recente dos museus no campo digital

Um breve olhar sobre o que tem sido apresentado revela, de forma ostensiva, a heterogeneidade dos museus e a disparidade da realidade museológica. Equipas, orçamentos, colecções, meios disponíveis variam enormemente entre micro e macro instituições. E, se esta variação tem influência decisiva na actividade regular que os museus desenvolvem, ela torna-se quase chocante quando a sua presença se torna digital.

O meu comentário crítico dirige-se a três aspectos genéricos sobre os materiais apresentados:

- a) Finalidade: aquilo que vimos foi preparado para circunstâncias específicas, pensado para uma finalidade e posto ao serviço, à força, de outra finalidade.
- b) Elaboração: pressentem-se vícios de trabalho correspondentes a um modo linear e de produzir conteúdos, numa cadeia em que participam, sequencialmente, os diferentes envolvidos, desde quem pensa, elabora, trabalha digitalmente e distribui. Este modelo não produz os mesmos resultados de um modelo articulado e integrado de trabalho, do início ao fim do processo.

- c) Conteúdos: os museus comunicaram principalmente as suas colecções, os seus objectos, focando-se apenas numa das muitas dimensões do museu.

Daqui retiro que, qualquer processo de digitalização do património museológico e qualquer processo de comunicação digital, devem ser pensados de raiz e produzidos por equipas multidisciplinares que dialogam ao longo de todo o itinerário de criação, produção e disponibilização dos conteúdos. Mostrar materiais produzidos de forma amadora, quantas vezes como um mero registo de actividade para integrar num dossier de trabalho, atribuindo-lhes outra função, parece contraproducente.

O que pode e o que não pode ser *instagramável*

Recorrendo ao texto base que serviu de desafio a este colóquio digital, e pensando em termos mais alargados do que aqueles que este breve ciclo temporal nos permite, deixo a minha opinião acerca do que me parece funcionar bem e menos bem em termos da presença digital dos museus, num entendimento alargado do seu papel na sociedade.

A disponibilização de objectos e materiais pertencentes aos museus, permitindo um acesso alargado às suas colecções, parece-me ser o aspecto em que os meios digitais melhor funcionam. Imagens excelentes, informação básica acerca dos objectos, documentação complementar consultável providenciam o conhecimento das colecções de forma adequada, não apenas ao visitante comum, como ao investigador.

Outras modalidades, ainda assentes nas colecções, que parecem funcionar de forma interessante são as seguintes: as propostas de actividades de carácter educativo partilhadas, ou não, pelos utilizadores; a sugestão de reflexões a partir de tópicos associados ao museu, para empreender de modo individual ou partilhado, em momentos específicos; a provocação de ideias a partir de outros pretextos, para deixar o utilizador individual a reflectir.

Mas o acesso ao património museológico, como disse acima, é apenas uma das funções desempenhadas pelos museus e, quando neles pensamos como espaço de encontro e de confronto, como plataforma para diferentes comunidades de uso, parece mais difícil pensar que a sua frequência física é descartável. O mesmo acontece quando pensamos em promover actividades direccionadas e selectivas, desenvolvidas a partir dos interesses dessas comunidades.

Ou seja, a transformação digital dos museus

- parece funcionar bem quando os museus operam de dentro para fora, quando partem dos objectos para os problemas;

- parece funcionar menos bem na eventualidade de os museus operarem de fora para dentro e partirem dos problemas para os objectos.

Esta clivagem pode soar a retórica, mas penso que evidencia perspectivas distintas, cada uma com possibilidades de se atingir maior ou menor êxito no plano da transformação que aqui está em causa. Manter relações de vizinhança com o envolvimento próximo, manter a noção do museu como representação daqueles que o usam – profissionais, educadores, amadores, associações formais e informais, ... – tornando-o poroso aos seus interesses, requer presença física, regularidade e habituação.

[Este aspecto leva-me a um último ponto relacionado com o impacto destes meses de encerramento e das novas regras de funcionamento que implicam a diminuição de pessoas em

circulação nos espaços museológicos. Certamente que os museus que vivem de público massificado e de grandes vagas de turistas serão aqueles em que a adaptação se afigura mais difícil. Já as instituições de outra dimensão, não localizadas nos grandes centros urbanos de atracção turística, poderão de forma menos complexa, adaptar-se aos novos constrangimentos. (Aliás, os museus já são lugares de limitações, frequentados de acordo com protocolos rigorosos de acesso, circulação e permanência)].